RELAÇÕES DIALÓGICAS NO DISCURSO ACADÊMICO-CIENTÍFICO DOS ARTIGOS DAS DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO

DIALOGIC RELATIONS IN SCIENTIFIC AND ACADEMIC DISCOURSE OF ARTICLES IN DIFFERENT AREAS OF KNOWLEDGE

Ângela Francine Fuza[118]

RESUMO: Artigos científicos brasileiros de periódicos A1 das diferentes áreas do conhecimento foram analisados a fim de verificar as relações dialógicas presentes no discurso acadêmico-científico. Para isso, o estudo adotou como aporte teórico-metodológico a concepção dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992), segundo os princípios teóricos da Linguística Aplicada. Nos textos, foram identificados sete tipos de relações dialógicas: diálogo com o conhecimento científico consensual; concordância com discursos alheios; discordância dos discursos alheios; marca de novidade; relação de pergunta e resposta; relação de questionamento da teoria existente; inserção na comunidade científica. Os resultados evidenciam que as relações dialógicas mais recorrentes nos artigos das áreas são a inserção na comunidade científica, o diálogo com conhecimento científico consensual e a marca de novidade. Isso demonstra que a pretensa objetividade do discurso científico é um instante que organiza o enunciado, todavia, não constitui o todo, pois todo discurso é dialógico por natureza, tendo em vista que os sujeitos-pesquisadores, atuantes em suas comunidades, interagem e vivenciam o dialogismo do discurso científico na elaboração do conhecimento.

Palavras-chave: Relações dialógicas; discurso acadêmico-científico; artigo científico.

ABSTRACT: Brazilian scientific articles A1 from different areas of knowledge were analyzed in order to verify the dialogic relations present in the scientific and academic discourse. For this, the study adopted the dialogic conception of language (Bakhtin, 2003; Bakhtin/Volochinov, 1992) as a theoretical and methodological support, according to the theoretical principles of Applied Linguistics. Through the analysis of texts, we identified seven types of dialogic relations: dialogue with the consensual scientific knowledge; agreement with other people"s discourses; disagreement of others" discourses; mark of novelty; question and answer relationship; existing theory questioning relationship; insertion in the scientific community. The results show that the most recurrent dialogic relations in the areas of the articles are the inclusion in the scientific community, dialogue with consensual scientific knowledge and mark of novelty. This shows that the alleged objectivity of scientific discourse is a moment

118 Doutora em Linguística Aplicada (Unicamp), professora da Universidade Federal do Tocantins. Pesquisa desenvolvida com apoio financeiro do CNPq. Correio Eletrônico: angelafuza@uft.edu.br.

that organizes the statement, however it is not all, because all discourse is dialogical in its nature, given that the subject-researchers, active in their communities, interact and experience the dialogism of scientific speech in the development of knowledge.

Keywords: Dialogic relations; scientific and academic speech; scientific article.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A noção de linguagem racionalista pressupõe uma suposta objetividade absoluta, sendo que o ato enunciativo é constituído de dimensões monológicas e dialógicas (CORTES, 2009). Nesta perspectiva, Sobral (2009, p. 30) assinala que "o sujeito, ao agir, deixa por assim dizer uma "assinatura" em seu ato e por isso tem de responsabilizar-se pessoalmente por seu ato e se responsabiliza por ele perante a coletividade de que faz parte". Cada sujeito é único em termos de feitio subjetivo, mas também sua atividade responsiva se circunscreve aos seus limites socioformativos em determinados domínios da cultura. Logo o fazer científico, ao mesmo tempo em que é constituído pelo individualismo do pesquisador, é perpassado por normas, por princípios e por convenções de escrita da comunidade científica da qual o sujeito é membro.

No entendimento de Cortes (2009) e de Amorim (2004), ao adentrar no pensamento bakhtiniano a respeito do monologismo e do dialogismo, compreende-se que são momentos distintos (mas não estanques) que compõem o todo do ato da criação científica. Isso porque, ao adotar o viés dialógico de linguagem, não há significativa recusa do texto monológico, haja vista que o monologismo do texto científico é "uma abstração necessária à construção do objeto de estudo, ou momento de exotopia" (CORTES, 2009, p. 6).

Assim, a pretensa objetividade do discurso científico é um instante que organiza o enunciado, todavia, não constitui o todo. Para Cortes (2009, p. 7), o fato de "admitir a dimensão monológica do discurso científico não significa negar o caráter dialógico dessa modalidade discursiva". Um enunciado, como uma obra científica, por mais focada que seja em seu objeto, caracterizando uma forma monológica, ainda assim, é uma resposta ao discurso anterior.

Os sujeitos-pesquisadores, atuantes em suas comunidades, interagem e vivenciam o dialogismo do discurso científico com os teóricos estudados e na elaboração do conhecimento. Em cada época e círculo social, os enunciados são produzidos, perpassados de autoridade, servindo de base para a origem de novos textos, uma vez que o enunciado "cria algo que ainda não existia antes dele, absolutamente novo e singular, e que ainda por cima tem relação com o valor. [...] todo o dado se transforma em criado" (BAKHTIN, 2003, p. 326). As comunidades científicas são, portanto, essencialmente dialógicas, necessitando do outro para que existam, haja vista que "nenhuma oração, mesmo a de uma só palavra, jamais pode repetir-se: é sempre um novo enunciado (ainda que seja uma citação)" (BAKHTIN, 2003, p. 313).

Tendo em vista o diálogo estabelecido entre diferentes vozes no interior dos artigos das diferentes áreas do conhecimento, caracterizando-os como dialógicos e

heterogêneos, este texto[119] objetiva analisar as relações dialógicas estabelecidas nos discursos acadêmico-científicos presentes em artigos de periódicos nacionais A1 das diferentes áreas do conhecimento — Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências da Saúde, Ciências Sociais, Engenharias, Linguística, Letras e Artes. Dessa forma, dois objetivos são delineados: a) destacar os tipos de relações dialógicas presentes nos discursos das diferentes áreas; b) evidenciar a dialogicidade do discurso científico, marcado pela heterogeneidade discursiva.

Para tal, o aporte teórico-metodológico convocado para as reflexões propostas na investigação é a concepção dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992), segundo os princípios teóricos da Linguística Aplicada.

Este texto, vinculado aos grupos de pesquisa: "Interação e Escrita" (UEM-CNPq — www.escrita.uem.br) e "Escrita: ensino, práticas, representações e concepções" (Unicamp) e ao projeto de pesquisa: "Práticas de letramento acadêmico-científicas: a constituição dos discursos escritos" (UFT), discorre, primeiramente, a respeito das relações dialógicas e das vozes bakhtinianas. Na sequência, destaca a seção metodológica e a análise dos dados observados.

RELAÇÕES DIALÓGICAS E VOZES BAKHTINIANAS: BREVES CONSIDERAÇÕES

A noção de relações dialógicas é mencionada desde a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992), postulando-se que a interação verbal é elemento fundamental da comunicação, sendo concretizada por meio dos processos de compreensão e responsividade ativas, levando ao diálogo.

Bakhtin, em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2002), trata dos elementos envoltos pela noção da interação verbal. Para o autor, as relações dialógicas se referem às relações semânticas instituídas entre enunciados concretos de distintos sujeitos do discurso. Tais relações envolvem não só questões lógicas e sintáticas de natureza léxico-semânticas, mas também influências externas, ou seja, fatores extralinguísticos, por exemplo, situação de enunciação, compreendendo diferentes sujeitos do discurso, as esferas de circulação, o gênero, o estilo etc. É possível afirmar ainda que nessas "relações dialógicas é estabelecido um diálogo do autor com o enunciado do outro presente em seu discurso" (SANCHES, 2009b, p. 3), vendo-o como uma forma de opinião e não como algo objetificado.

Um dos princípios que norteiam as relações dialógicas é a alteridade, pois o enunciado se concretiza em virtude do interlocutor real ou presumido. O outro é inserido no enunciado, havendo sempre enunciados alheios dentro dele, pois "cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva" (BAKHTIN, 2003, p. 297).

Ao se tratar da presença do outro no enunciado, Amorim (2004) afirma que a alteridade marca as fronteiras do discurso, permitindo o acabamento do enunciado ao se passar a palavra ao outro, "não há sentido fora da diferença, da arena, do confronto,

119 Texto baseado nas investigações que compõem a tese de Doutorado da autora (FUZA, 2015).

da interação dialógica, e assim como não há um discurso sem outros discursos, não há eu sem outro, nem outro sem eu" (SOBRAL, 2009, p. 39). O locutor, mesmo antes de proferir sua fala, modela-a, considerando a imagem que cria de seu interlocutor. Nessa relação dialógica, conforme Ohuschi (2013), existem atitudes responsivas de ambas as partes.

A partir do exposto, destaca-se a relevância do interlocutor no processo de interação verbal, porque, da mesma forma que a situação social, ele também define a enunciação. Segundo Bakhtin/Volochinov (1992, p. 112), "a palavra dirige-se a um interlocutor" e, portanto, comporta duas faces: sempre procede de alguém e sempre se dirige a alguém, constituindo-se como produto da interação do locutor e do ouvinte.

Há, de acordo com o Círculo de Bakhtin, três tipos de interlocutores: o interlocutor real, o representante médio do grupo social e a definição de "terceiro", constante em "Marxismo e Filosofia da Linguagem", que é representado pelo horizonte social definido:

Mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor [...] [a palavra] é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos. [...] Na maior parte dos casos, é preciso supor além disso um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p. 112).

Em "Estética da criação verbal" (BAKHTIN, 2003), além dos interlocutores citados, a noção de "terceiro", entendido como supradestinatário, superior, um interlocutor terceiro, idealizado, também está contemplada. O enunciado tem sempre um destinatário "cuja compreensão responsiva o autor da obra de discurso procura e antecipa. Ele é o segundo" (BAKHTIN, 2003, p. 332); no entanto, além dele, o autor do enunciado estabelece,

> [...] com maior ou menor consciência, **um supradestinatário superior** (o terceiro), cuja compreensão responsiva absolutamente justa ele pressupõe quer na distancia metafísica, quer no distante tempo histórico [...] Em diferentes épocas e sob diferentes concepções de mundo, esse supradestinatário e sua compreensão responsiva idealmente verdadeira ganham diferentes expressões ideológicas concretas (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, etc.) (BAKHTIN, 2003, p. 333, grifos nossos).

O interlocutor terceiro consiste em uma instância que pode aparecer como um "enunciador impessoal", um modelo de uma comunidade a que o enunciador pertence ou deseja pertencer, um duplo enunciador, uma "forma-sujeito idealizada de uma formação discursiva", um "objeto do enunciado", uma "voz da consciência", um "subdestinatário no "pequeno diálogo"" (FURLANETTO, 2012, pp. 339-340).

Ao discutir questões voltadas à escrita acadêmica, tratando especificamente da publicação de artigos científicos em periódicos, é possível exemplificar, de forma geral, essa relação da escrita com os tipos de interlocutores.

O pesquisador-autor terá como seu interlocutor real o avaliador da revista, que irá mediar o processo de escrita para que o trabalho chegue à publicação, realizando a correção e as intervenções necessárias para uma possível readequação do trabalho para publicação. Todavia, ao escrever, o pesquisador-autor terá em mente seu público-alvo — as pessoas que leem periódicos científicos impressos ou digitais (interlocutores virtuais),[120] pertencentes à sua esfera acadêmica, a partir dos quais adequará a linguagem e incluirá informações apropriadas para sua compreensão. Ao ter seu trabalho aceito ou publicado, o autor-pesquisador se reporta a uma ideologia dominante, a comunidade acadêmica, composta por estudiosos da área, pelos membros do periódico, pelas normas de submissão e de avaliação da revista (interlocutor terceiro) que determinam a conduta da escrita.

O interlocutor recebe e compreende o enunciado, seja ele escrito ou oral, tomando uma atitude responsiva que permanecesse em constante elaboração durante o processo de compreensão, já que, ao compreender o significado do discurso, o ouvinte adota uma "ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc." (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Quanto à questão da responsividade, Menegassi (2009, p. 152) postula que não se trata somente de uma resposta às práticas de linguagem ou da oferta de uma resposta ao locutor, mas sim da compreensão de que a formulação de um enunciado que se destina ao outro constitui uma resposta a diversos enunciados que circulam socialmente.

Bakhtin (2003) propõe três formas de compreensão responsiva, a saber: ativa, passiva ou silenciosa — de efeito retardado. No primeiro caso, ao compreender o enunciado, o interlocutor responde imediatamente a ele, expondo sua opinião, seu julgamento de valor, concordando ou discordando etc. Já na compreensão passiva, tem-se um elemento abstrato do fato real e, segundo Menegassi (2009, p. 163), a passividade da resposta está justamente "no fato de que a devolutiva ao enunciado formulado pelo locutor se manifesta, no outro, pelo atendimento e cumprimento de um pedido, uma solicitação ou uma ordem". Há a compreensão do enunciado pelo ouvinte, contudo tem-se uma "relação social altamente assimétrica, autoritária na relação entre falante e ouvinte, tanto que Bakhtin singulariza esse fato ao buscar o exemplo na ordem militar" (MENEGASSI, 2009, p. 163).

Quanto à compreensão responsiva silenciosa ou de efeito retardado, o interlocutor traz uma resposta, contudo, em outro momento:

> [...] a compreensão ativamente responsiva do ouvido [...] pode realizar-se imediatamente na ação [...], pode permanecer como compreensão responsiva silenciosa, mas isto, por assim dizer, é uma compreensão responsiva de efeito retardado: cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente atendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte (BAKHTIN, 2003, pp. 271-272).

120 Autores como Garcez (1998) e Menegassi (2009) utilizam tal denominação. Segundo Menegassi (2009, p. 156) quando o sujeito não define um interlocutor imediato/real, o locutor "formula seus enunciados a partir de certa imagem de um interlocutor ideal ou virtual, uma espécie de representação genérica [...] constituído por características gerais de um suposto parceiro da enunciação". Dessa forma, o interlocutor virtual seria aquele passível de existência.

Constata-se que a compreensão (ativa, passiva ou silenciosa) conduz o interlocutor a postular uma atitude responsiva que pode ser ativa, passiva ou silenciosa, pois os sujeitos aguardam uma resposta e não somente a repetição de seus discursos (OHUSCHI, 2013).

No caso da produção científica de artigos nos periódicos, é possível traçar a questão da responsividade no processo existente entre pesquisador-autor e normas de submissão e normas dos avaliadores postuladas pela revista. Geralmente, ao pensar na publicação para um periódico, o sujeito busca as normas de submissão de seu texto, observando principalmente o que se espera quanto à forma composicional do gênero artigo, demonstrando, na maioria das vezes, uma resposta ativa ao que é esperado, expondo suas ideias dentro dos padrões estabelecidos. No entanto, caso o sujeito restrinja sua escrita apenas aos padrões formais estabelecidos pela revista, sem atentar para outros fatores envolvidos, como questões éticas, temáticas, repetição de ideias, evidencia-se uma atitude responsiva passiva, em que apenas cumpriu a atividade de adequar seu texto formalmente, mas sem observar questões que influenciam diretamente em sua produção.

Alguns sujeitos podem apresentar uma responsividade em outro momento, em outro artigo que será publicado, em outra ocasião de escrita, mostrando que levou um tempo para internalizar aqueles conhecimentos, demarcando uma atitude responsiva silenciosa. A responsividade é marcada quando as palavras alheias — que não se restringem apenas às normas das revistas, mas ao emaranhado de elementos que podem influenciam na escrita, como questões temática, éticas, dentre outras — tornam-se palavras próprias.

Nas relações dialógicas, ocorre uma multiplicidade de consciências, ao contrário do que ocorre no universo monológico, no qual, segundo Bakhtin/Volochinov (1992) e, sobretudo, em Bakhtin (2002), ocorre a fusão das vozes e verdades em uma verdade única, em uma consciência geral que promove, na maioria das vezes, a homogeneização da produção.

De acordo com Sanches (2009a), no dialogismo, ainda que o autor insira em seu enunciado as vozes de outros sujeitos, tomando-as como suas, é possível identificar nuances que perpassam tais palavras, uma vez que sempre que se utiliza uma palavra, ela é revestida com a compreensão, com a avaliação do outro, tornando-se bivocal. O fato de uma palavra já ter sido utilizada anteriormente, não se constituindo como original, não significa que o produtor apenas a copia, pois, o trabalho de criação e de compreensão consistem em lidar com vozes, fazendo que o sujeito inscreva a sua própria voz (AMORIM, 2004).

O texto científico é compreendido, muitas vezes, como apenas monológico, tendo em vista, por exemplo, normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), dentre outros manuais, que preconizam uma escrita neutra, desprovida de subjetividade, considerando que apenas o fato de se produzir o texto em terceira pessoa já se configura como uma forma de afastamento do pesquisador dos fatos que expressa. Na realidade, outros elementos podem caracterizar o discurso como heterogêneo e dialógico, como a escolha dos autores para citação, a escolha da temática, dentre outros fatores, que levam o discurso científico a estar ancorado também no dialogismo, porque é constituído em função de sua relação com outros, apesar

de não haver, na maioria das vezes, centros discursivos diversos. Tal postura possibilita dizer que o dialogismo constitui o texto, em maior ou menor grau, demonstrando que a presença do outro sempre se faz presente (AMORIM, 2004).

A respeito das relações dialógicas, em sua dissertação, Sanches (2009) buscou analisá-las em artigos científicos das áreas de saúde e de segurança do trabalho, realizando a sistematização de seis tipos de relações, a saber: 1) marca de novidade; 2) confirmação e concordância; 3) diálogo com o conhecimento científico consensual; 4) referenciação bibliográfica com apagamento dos limites discursivos; 5) enunciados "colcha de retalhos"; 6) discordância em relação a enunciados alheios. Neste trabalho, para a análise dos discursos dos artigos científicos, algumas dessas relações dialógicas são contempladas, além de outras advindas dos dados coletados. Elas serão explanadas e exemplificadas na seção de análise juntamente com exemplos a fim de ilustrá-las.

METODOLOGIA DO ESTUDO

Neste texto, a escrita acadêmica é abordada nos artigos científicos das diferentes áreas do conhecimento. Para a seleção do periódico e do artigo para a análise, alguns critérios foram utilizados: nota no Qualis A1; áreas do conhecimento; modalidade da contribuição; tempo de existência da revista e ano da coleta dos dados.

Tendo em vista a busca pela compreensão dos discursos envolvidos na prática da produção científica no país, foram selecionados, no ano de 2012, periódicos A1, pois refletem, de certa forma, aquilo que é esperado pelo universo acadêmico, em termos de excelência, haja vista os critérios estabelecidos pelo Qualis, como publicação reconhecida na área, condizente com as normas da ABNT, apresentando conselho editorial com membro do país e do exterior etc. Em relação ao número de periódicos do estrato A1, destaca-se o quadro 1:

Quadro 1 – Levantamento dos periódicos do estrato A1 segundo WEBQUALIS (2012)

ÁREA	TOTAL DE REVISTAS BRASILEIRAS A1	TOTAL DE REVISTAS ESTRANGEIRAS A1
CIÊNCIAS AGRÁRIAS	00	449
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	00	753
CIÊNCIAS DA SAÚDE	2	1.677
CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA	5	642
CIÊNCIAS HUMANAS	72	307
CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	26	178
ENGENHARIAS	1	899
LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES	55	78

Fonte: baseado em Fuza (2015, p. 118).

Diante do levantamento realizado, em todas as áreas de conhecimento

investigadas, o número de revistas estrangeiras A1 é superior ao número de periódicos brasileiros. Em uma escala crescente de número de revistas brasileiras A1, observa-se que as Ciências Agrárias e Biológicas não possuem revista A1; as Engenharias têm uma; as Ciências da Saúde, duas; as Ciências Exatas e da Terra, cinco; as Ciências Sociais Aplicadas, vinte e seis; a área de Linguística, Letras e Artes, cinquenta e cinco; e, por fim, as Ciências Humanas possuem setenta e duas revistas.

Em função da crença de que há múltiplas práticas envolvidas na produção da escrita, havendo variação na produção dos discursos de uma área para outra, optou-se por selecionar artigos de periódicos de diferentes áreas do conhecimento. A escolha pelo artigo científico ocorreu em razão de ser o gênero de maior recorrência nos periódicos e no contexto da academia, logo, carrega consigo marcas desse universo e dos sujeitos que os constituem.

Os sites de todas as revistas brasileiras A1 foram visitados. Isso possibilitou a escolha de um periódico representativo de cada área em função do tempo de existência da revista, consagrado em seu campo acadêmico, fundadas, respectivamente, em 1929 (Área: Multidisciplinar; subárea: Engenharias), 1950 (Ciências Humanas; subárea: História), 1979 (Ciências Sociais Aplicadas; subárea: Serviço Social), 1983 (Linguística, Letras e Artes; subárea: Letras/Linguística), 1985 (Ciências Exatas; subárea: Ensino), 1993(Ciências da Saúde; subárea: Enfermagem). Os periódicos não são identificados pelos nomes, mas sim por suas áreas de conhecimento, já que tal dado não se faz relevante para o estudo.

A partir disso, foi realizada a busca de um artigo representativo no interior desses periódicos que apresentasse características gerais da área, além de certas singularidades, ou seja, elementos que os diferenciavam dentro da área, dando possibilidade de discussão a respeito da heterogeneidade da escrita. Foram observados em cada site de periódico: dois periódicos do ano de 2012 (ano da coleta dos dados no Qualis) assim como dois exemplares do ano de 2013 (o número de artigos lidos é variável de revista para revista tendo em vista o número de textos publicados em cada exemplar das áreas).

De forma geral, o quadro 2 apresenta o número de artigos lidos para a possível seleção:

Quadro 2 — Levantamento dos artigos nas revistas para seleção do texto

ÁREA	Número de artigos lidos para possível seleção
CIÊNCIAS DA SAÚDE	88
CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA	64
CIÊNCIAS HUMANAS	40
CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	24
ENGENHARIAS	10
LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES	32

Fonte: A autora.

Por meio desse levantamento geral, foi possível a seleção de um artigo de cada periódico e sua análise que passou pela descrição de sua forma composicional, temática e estilística. Todo o trabalho realizado permitiu verificar elementos que constituem heterogeneamente os textos de cada área, como as relações dialógicas, analisadas na sequência.

RELAÇÕES DIALÓGICAS ESTABELECIDAS NO INTERIOR DOS ARTIGOS DAS DIFERENTES ÁREAS: BREVE ANÁLISE

Ao analisar os artigos científicos, um dos elementos responsáveis por determinar a sua heterogeneidade é a relação dialógica estabelecida no interior dos discursos dentro de cada área.

Na sequência, examinam-se as relações dialógicas definidas após a análise dos discursos dos artigos, destacando-se exemplos. De forma geral, foram identificados sete tipos de relações dialógicas[121], a saber: diálogo com o conhecimento científico consensual; relação de pergunta e resposta; concordância com discursos alheios; discordância dos discursos alheios; marca de novidade; inserção na comunidade científica; relação de questionamento da teoria existente.

DIÁLOGO COM O CONHECIMENTO CIENTÍFICO CONSENSUAL[122]

Nesse tipo de relação, as informações são evidenciadas no texto como um conhecimento consensual na comunidade acadêmica e uma verdade (SANCHES, 2009a). Essa verdade, conforme postula Bakhtin (2003), ocupa o lugar de interlocutor terceiro, ou seja, o conhecimento científico é posto como algo absoluto. Porém, esse terceiro é suposto pelo autor enquanto sujeito, não podendo tomar a palavra, sendo a sua voz reproduzida enquanto bifurcação, pois destinatário e interlocutor terceiro são instâncias que introduzem uma relação de estranhamento entre locutor e seus próprios enunciados (AMORIM, 2004).

Segundo Amorim (2004), o interlocutor terceiro e o próprio destinatário exercem influência na organização da obra científica. A forma composicional do artigo e, no caso, do resumo com paragrafação única, uso da impessoalidade, das seções definidas, como objetivos, metodologia, resultados etc., é reflexo do interlocutor terceiro, visto que "tais exigências são consensuais e pressupostas pela comunidade científica enquanto regras para que se faça a argumentação, constituindo uma especificidade do dialogismo científico" (SANCHES, 2009a, p. 147).

A análise dos artigos possibilitou constatar que a relação de diálogo com o conhecimento científico consensual se apresentou em algumas seções dos artigos das diferentes áreas, conforme exposto no quadro 3.

121 Sanches (2009a) delimitou quatro delas: diálogo com o conhecimento científico consensual; concordância com discursos alheios; discordância dos discursos alheios; marca de novidade. A partir da análise dos artigos, este estudo constatou: relação de pergunta e resposta; inserção na comunidade científica; relação de questionamento da teoria existente.

122 O diálogo com o conhecimento científico consensual difere da relação dialógica de inserção na comunidade científica, tendo em vista que a primeira é marcada por expressões e elementos que tendem à generalização das teorias e dos discursos, não havendo, por exemplo, menção aos autores evocados no texto (SANCHES, 2009a). A inserção, por sua vez, explicita a presença do outro teórico no texto por meio da especificação de seus nomes, delimitando o sujeito enunciador e evidenciando que o discurso do artigo encontra-se inserido em um contexto maior de produção, perpassado por interlocutores terceiros.

Quadro 3 – Relação de diálogo com o conhecimento científico consensual: seções dos artigos e áreas

SEÇÃO DO ARTIGO	ÁREAS
Resumo	Linguística; Sociais; Humanas; Exatas; Engenharias; Saúde.
Introdução	Linguística; Sociais; Humanas.
Metodologia	Engenharias.

Fonte: A autora

O diálogo com o conhecimento científico consensual está presente em algumas práticas recorrentes na escrita dos artigos: na busca-se de generalização de algum assunto, no uso de referências genéricas nos momentos de contextualização da pesquisa e na ausência de referências bibliográficas explícitas.

Quando no texto não há referências bibliográficas explícitas, demarca-se um consenso do trabalho com a comunidade científica a que pertence. Como exemplo, destaca-se o excerto do resumo da área de Ciências Sociais:

> [...] o artigo tem por escopo reunir e comentar as salvaguardas jurídico- políticas disponíveis para o enfrentamento de tais questões. Pretende-se, ainda, avaliar se este aparato jurídico-político, construído historicamente pelos assistentes sociais, é suficiente para melhor qualificar seu fazer profissional [...] (Ciências Sociais, p. 131, grifos nossos).

Nesse caso, além da ausência de referenciais teóricos, percebe-se que são destacadas, no momento em que são apresentados os objetivos do estudo, as ideias de que já existem "salvaguardas jurídico-políticas disponíveis" e todo um "aparato construído historicamente pelos assistentes sociais". São informações expostas como conhecidas e passíveis de discussão pelo artigo, sendo colocadas como verdades aceitas.

Outro exemplo é trazido da área de Exatas, destacando-se o momento em que se detalha o aporte teórico que será utilizado, assim como estudos que envolvem o ensino de Matemática:

> A formulação e a aplicação da pesquisa, bem como a análise dos resultados e as conclusões foram baseadas no enfoque histórico-cultural de Vigotski e **estudos sobre a linguagem matemática e a utilização da Leitura Escrita nas aulas de Matemática, de diversos pesquisadores** (Ciências Exatas, p. 513, grifos nossos).

O resumo demarca um consenso científico não pela menção da filiação aos estudos de Vygotsky, mas justamente por trazer a ideia de que outros estudiosos também trabalham na busca por estudos envolvendo leitura e escrita nas aulas de matemática. Ao utilizar os termos "diversos pesquisadores", dá-se uma noção de generalização ao campo de pesquisa, já que não se definem os autores — fato que possivelmente será determinado no desenvolvimento do artigo. Há o uso da generalização, indeterminando quem são os sujeitos pesquisadores, por meio do uso de expressão generalizante "diversos".

A marca de generalização é bem recorrente quando se trata da relação de consenso científico. Ela ocorre pelo uso do objeto de estudo como sujeito gramatical, bem como pela indeterminação do sujeito, aliados ao uso de termos que levam à generalização. A linguagem empregada nos resumos, de forma geral, permite afirmar que todos estão

submersos nesta relação de diálogo com o conhecimento científico consensual, haja vista que se apresentam por meio do uso da terceira pessoa do singular, da voz passiva, dando amplitude para o objeto que é estudado, apagamento a figura do sujeito pesquisador, conforme se exemplifica:

> **Este texto apresenta** um dos tipos de respostas possíveis à pergunta [...] **Examinam-se** críticas e alternativas a essas respostas, apoiadas pelo autor (Ciências Humanas, p. 17, grifos nossos).
>
> [...] **o artigo tem** por escopo reunir e comentar [...] Pretende-se, ainda [...] (Ciências Sociais, p. 131, grifos nossos).
>
> **O corpus,** [...], **se compõe** dos primeiros artigos publicados para divulgar resultados de pesquisas, realizadas no Brasil, sobre redações de vestibular [...] (Linguística, p. 283, grifos nossos).

Há marcas evidentes que permitem a generalização e a consequente noção de que o estudo está em diálogo com o conhecimento científico consensual, não se considerando a marcação de pessoalidade, apagando-se a figura do sujeito, ao utilizar voz passiva, verbos com partícula apassivadora "se", verbos no infinitivo que não permitem determinar a pessoa do discurso.

As introduções dos artigos das áreas de Sociais, Linguística e Humanas utilizam este tipo de relação dialógica essencialmente no momento de contextualizar o assunto, fazendo uso de referências genéricas, conforme se destaca:

> **Muito se tem escrito** sobre o conjunto de reformas econômicas e Ideopolíticas. Suas causas, seu receituário [...] foram e continuam sendo objeto de estudos e pesquisas por **parte de intelectuais de diversas vertentes e áreas do conhecimento, de padrão nacional e internacional**, dispensando uma explanação mais circunstanciada [do] tema (Sociais, p. 132, grifos nossos).

De certa forma, a área de Sociais apresenta a relação dialógica com uma função similar, como maneira de servir de pano de fundo para delimitações futuras de estudiosos que focam nas reformas econômicas e ideopolíticas. Dá-se espaço para o leitor reconhecer o tema abordado no texto e para pesquisar em outras fontes a respeito do assunto, haja vista que há muito material já confeccionado. O leitor é um sujeito que deve se reconhecer como inserido dentro da comunidade e, por isso, detentor de conhecimentos suficientes para compreender aquilo que é discutido no texto. Outro exemplo que aponta o consenso com o conhecimento científico da área de Sociais é "**estudos recentes** têm revelado as intercorrências desastrosas das transformações societárias no âmbito do Serviço Social" (p. 134). Nesse caso, há a referência genérica (CORACINI, 1991) que não revela com precisão a origem efetiva do pensamento, indefinindo parcialmente o autor citado. Isso descompromete o locutor com relação à asserção, pois a transfere para outro genérico, no caso, "estudos recentes".

RELAÇÃO DE PERGUNTA E RESPOSTA

Concebe-se a alteridade como um princípio estruturador das relações dialógicas, haja vista que todo enunciado é constituído em função de seu interlocutor. O outro é inserido no enunciado, havendo sempre enunciados alheios dentro dele.

A relação dialógica de pergunta e resposta que pressupõe a alteridade no enunciado ocorre apenas no interior do resumo da área de Humanas, haja vista a temática e a forma de composição do próprio artigo da área.

Diante da pergunta, o interlocutor indagado deve tomar uma atitude quanto ao que lê, já que, ao compreender o significado do discurso, o ouvinte adota uma "ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc." (BAKHTIN, 2003, p. 271). No entanto, no próprio resumo, constata-se que quem responde ao enunciado é o próprio autor do texto, tornando-se um diálogo consigo mesmo, pressupondo que outros interlocutores terão acesso ao texto:

> Este texto **apresenta um dos tipos de respostas possíveis à pergunta**: o que explica os comportamentos e ações dos seres humanos? **Especificamente**, abordam-se as respostas que partem de **uma natureza humana determinante**, seja ela genética, de outro modo natural, ou não explicitamente explicada por fatores naturais. Examinam-se críticas e alternativas a essas respostas, **apoiadas pelo autor** (Ciências Humanas, p. 17, grifos nossos).

O artigo apresenta uma das respostas possíveis à pergunta, ou seja, aquela com foco na "natureza humana determinante" e isso é apoiado pelo autor, inserido em uma comunidade científica. No próprio artigo, determina-se o enfoque a ser adotado em função do emprego do advérbio "especificamente", demarcando que existem outras respostas, mas que, no espaço daquela discussão, o enfoque recai em uma única posição.

A ideia de alteridade, de defesa de um ponto de vista e de determinação de uma forma de responder à pergunta, perpassa o título do artigo, o seu resumo e toda a organização composicional do texto, já que as seções são definidas e vão afunilando para a noção que se defende.

Tal postura tomada pela área de Humanas pode ser reforçada pelos pressupostos de Amorim (2004). Para a autora, uma das especificidades das Humanas é a condição de bipolaridade que perpassa o texto, já que no decorrer do texto são abordadas duas perspectivas que explicam o agir humano e que são excludentes: a natural e a histórica.

CONCORDÂNCIA COM DISCURSOS ALHEIOS

Conforme Sanches (2009a), a concordância é uma das relações mais presentes nos artigos, principalmente nos resultados e nas discussões. Para Bakhtin (2003), não é possível interpretar as relações dialógicas em termos simplificados e unilaterais, reduzindo-as a uma contradição, luta, discussão, haja vista que "a concordância é uma das formas mais importantes de relações dialógicas" (BAKHTIN, 2003, p. 331).

A partir da análise dos artigos, pode-se constatar que a relação de concordância se apresentou em algumas seções dos artigos das diferentes áreas, conforme exposto no quadro 4.

Quadro 4 – Relação de concordância com discursos alheios: seções dos artigos e áreas

Seção do artigo	Áreas
Introdução	Linguística; Saúde; Sociais
Fundamentação teórica e análise dos dados	Linguística
Conclusão	Humanas; Exatas

Fonte: A autora.

A relação de concordância com discursos alheios, presente em algumas seções dos artigos, revela os diálogos do texto com outros estudos já realizados, demarcando-se, muitas vezes, os elementos que são comuns a eles, como ocorre na área de Linguística: "Esses trabalhos, realizados *segundo* concepções teóricas distintas, *apresentam em comum* o fato de atribuírem a defasagem no desenvolvimento do ensino [...]" (Linguística, p. 284, grifos nossos). O pesquisador inicia sua introdução expondo a existência do interesse acadêmico pela produção escrita, de forma bastante genérica. Na sequência, aponta alguns trabalhos e estudiosos que apresentam estudos de análise de redações escolares, como Val, Barros, dentre outros. Depois, explica (conforme se verifica no excerto) que, apesar de suas concepções teóricas distintas, eles "apresentam em comum" a ideia da defasagem do ensino da escrita às condições de produção.

Quanto às áreas de Saúde e de Sociais, uma das formas de concordância presente na introdução, na fase da contextualização, é a marca de referenciação a outros autores, já que o uso desse recurso é bastante forte nessas áreas. No caso da área da Saúde, em todos os parágrafos da introdução, há menção aos autores estudados, empregando-se a referência numérica, isto é, tudo aquilo que o pesquisador afirma está amparado em estudiosos:

> A formação profissional da enfermagem está dirigida para a importância de uma prática ética, buscando preparar os seus futuros trabalhadores a exercerem competentemente o enfrentamento cotidiano de problemas éticos e morais nos ambientes de trabalho, ou seja, o enfrentamento da incerteza moral, de dilemas morais e do sofrimento moral **(1)** (Saúde, p. 2, grifos nossos).

Ao mesmo tempo em que se pode afirmar que a existência dessas referências demarca uma relação dialógica de inserção do sujeito na comunidade acadêmica que estuda tal temática, é possível dizer que há evidência de concordância entre discursos, haja vista que o pesquisador, em nenhum momento, retoma os estudos para se opor a eles ou para criticá-los, mas sim para dar credibilidade ao que afirma. De acordo com Sanches (2009a), as marcas de referenciação bibliográfica podem levar ao apagamento dos limites entre os diferentes discursos, configurando-se como uma forma de tomada da palavra do outro para si, incorporando-o ao seu discurso, expressando confiabilidade, credibilidade ao texto.

A concordância ocorre no momento em que os autores fazem uso dos discursos de outros estudiosos para fundamentar teoricamente sua pesquisa e essa postura perpassa os artigos. Os pesquisadores, na maioria das vezes, afirmam algo e trazem outro estudioso para mostrar concordância entre as ideias expostas.

A área de Linguística apresenta, no momento da fundamentação, marcadamente, a concordância com um de seus aportes teóricos: "A hipótese sobre a necessidade de

delimitação se fundamenta na noção de interdiscursividade *tal como proposta por* Maingueneau (1997; 2005)" (p. 285, grifos nossos). Nesse caso, concorda-se teoricamente com aquilo que o estudioso postula, tendo em vista a necessidade de o estudo tratar da constituição da escrita escolar em função da polêmica entre perspectiva moderna e tradicional do estudo da língua, abordando a interdiscursividade.

A seção de análise presente no artigo de Linguística é perpassada pela relação de concordância com discursos alheios, uma vez que a forma de construção dos elos entre os artigos analisados pelo pesquisador promove isso. Em primeiro momento, o pesquisador destaca os artigos que utilizaram pressupostos da linguística apenas para analisarem as escritas escolares. A partir disso, afirma: "O *mesmo posicionamento* se encontra no estudo do parágrafo: Mamizuka (1977) atribui a causa [...] Os artigos de Pécora (1977) e de Rodrigues & Freire (1977) apresentam organização textual-discursiva *semelhante* aos demais [...]" (p. 290, grifos nossos). As expressões utilizadas "mesmo posicionamento" e "semelhante" denotam que há concordância entre os objetos analisados. O pesquisador busca realizar tais aproximações discursivas.

Na seção seguinte, o pesquisador destaca os artigos que se contrapõem à noção de incompetência linguística, defendendo que o conhecimento linguístico do vestibulando se encontra dentro da normalidade. A partir disso, pontuam-se os estudos que concordam com essa postura:

> A esse outro **também responde** o texto de Osakabe (1977) [...] Os artigos analisados **se contrapõem**, portanto, a perspectivas que atribuem os problemas de redação a desconhecimento linguístico, **bem como** a trabalhos que assumem perspectivas tradicionais de linguagem e, em função dessa fundamentação teórica, apresentam posições arbitrárias em relação aos usos linguísticos (Linguística, pp. 292-293, grifos nossos).

No excerto, há as marcas que evidenciam relações de concordância dentro do texto, haja vista que os artigos analisados apresentam um consenso em relação aos problemas de redação, contrapondo-se às perspectivas que vinculam os problemas ao desconhecimento linguístico dos sujeitos. Tal discurso é que dá abertura, por exemplo, para a seção de resultados, afirmando-se que "parece haver *uma unanimidade entre os artigos observados*" (p. 293), ou seja, todos dialogam no mesmo sentido, apresentando concordância entre seus discursos.

DISCORDÂNCIA DOS DISCURSOS ALHEIOS

A relação de discordância dos discursos alheios (SANCHES, 2009a) ou movimento dialógico de distanciamento (RODRIGUES, 2005) é a menos frequente dentro dos artigos, podendo ocorrer de duas formas: por meio da contestação sutil de um método, não havendo oposições drásticas aos enunciados anteriores, ou da ironia aos discursos já expressos. Para a autora, a baixa recorrência desse tipo de relação se dá em virtude da busca da boa relação entre os agentes da esfera acadêmica ou da manutenção daquela que já possuem.

De certa forma, a análise dos artigos demarcou a ocorrência da discordância nas áreas de Humanas e Saúde, nos momentos da fundamentação teórica (e análise) e da discussão, havendo variações entre as formas de utilização da relação dialógica (quadro 5).

Quadro 5 – Relação de discordância dos discursos alheios: seções dos artigos e áreas

Seção do artigo	Áreas
Discussão	Saúde.
Fundamentação teórica e análise dos dados	Humanas.

Fonte: A autora.

A fim de ilustrar tal relação, destaca-se o caso da área da Saúde. Nela, na seção de discussão, verifica-se a relação de discordância. Trata-se da mesma forma destacada por Sanches (2009a): contestação sutil de um estudo já realizado. O pesquisador aponta ser importante realizar reuniões com a equipe de enfermagem, haja vista que, nesses ambientes, o sofrimento moral foi percebido e afirma: "*Diferentemente do estudo desenvolvido anteriormente* com enfermeiros brasileiros (2), em que 70,2% dos enfermeiros afirmaram realizar reuniões com a equipe, percebeu-se que a frequência de ocorrência das reuniões foi baixa [...]" (Saúde, p. 8, grifos nossos). Retoma-se outra pesquisa, usando-se a referência numérica, indicando certa discordância em relação a ela: "diferentemente do estudo desenvolvido anteriormente", tendo em vista que o pesquisador chegou ao resultado de que as reuniões são relevantes para o processo de reconhecimento do sofrimento moral.

De certa forma, o artigo não é totalmente oposto àquilo que já se estudou em relação ao assunto, apenas mostra oposição ao que foi realizado. Isso faz que se entenda realmente, como Sanches (2009a), que há a busca por manter uma boa relação entre os agentes da esfera acadêmica, uma vez que, conforme já apontado, o artigo de Ciências da Saúde aborda, por meio de referências numéricas, diversos autores, demonstrando a preocupação em manter o vínculo com aquilo que vem sendo desenvolvido dentro da comunidade científica.

MARCA DE NOVIDADE

A marca de novidade complementa estudos anteriores ao trazer novos dados. Os dados da pesquisa revelaram que essa relação é uma das mais recorrentes nos textos.

Quadro 6 – Relação de marca de novidade: seções dos artigos e áreas

Seção do artigo	Áreas
Resumo	Sociais; Saúde; Humanas.
Introdução	Sociais; Saúde; Engenharias; Humanas; Exatas; Linguística.
Conclusão	Saúde; Sociais; Linguística.
Metodologia	Exatas.

Fonte: A autora.

De acordo com Sanches (2009a), alguns aspectos configuram a novidade, como a marca de negação que é um recurso amplamente utilizado para construir a noção de nova contribuição à área do saber, e a própria justificativa do estudo. Outros pontos também podem possibilitar o movimento de novidade ao discurso, as expressões utilizadas nos resumos dos textos, conforme exemplo:

> [...] Pretende-se, ainda, avaliar se este aparato jurídico-político [...] é suficiente para melhor qualificar seu fazer profissional [...], **possibilitando a ampliação** do espaço ocupacional e condições de trabalho e remuneração adequadas (Sociais, p. 131, grifos nossos).

No exemplo, utiliza-se a marca de novidade justamente para demarcar uma contribuição do estudo para a área: "possibilitando a ampliação do espaço ocupacional e condições de trabalho e remuneração adequadas", tendo em vista que o objetivo do estudo é avaliar o aparato jurídico-político construído ao longo dos anos pelos assistentes sociais.

A marca de novidade é bastante recorrente na introdução dos artigos das áreas, principalmente nos momentos de contextualização, justificativa e contribuição. No caso das Ciências Sociais, a novidade advém das transformações nas condições de exercício profissional do assistente social que é foco do trabalho, destacando-se as leis que dão respaldo para isso:

> Para atender aos fins deste artigo, basta assinalar que ditas transformações [...] modificaram substancialmente **não só** o paradigma do processo e gestão do trabalho capitalista e o sistema estatal, **mas, também** [...] Por conseguinte, influenciam **também** as condições do exercício profissional [...] O espaço ocupacional ampliou-se **também** com atividades voltadas para implantação, orientação e representação em Conselhos de Políticas Sociais e de Direitos (Sociais, p. 132, grifos nossos).

No caso das Ciências Sociais, fez-se um percurso das transformações no padrão social do trabalho, acrescentando-se a noção do exercício profissional e também as atividades voltadas para implantação e orientação nos Conselhos. Todo esse acréscimo de informações, evidenciada pelas expressões "não só", "mas, também", "também", surge justamente para "atender aos fins" do artigo, conforme está marcado no excerto. De certa forma, a busca por demarcar o acréscimo de informação dentro da contextualização é justamente para propor que há, sim, visões já existentes em relação à temática e que o artigo procura evidenciar mais um foco, como ocorre na área da Saúde:

> Ao se refletir sobre o SM e os problemas da profissão, **lida-se com algo maior** do que uma análise de como as relações de poder se constroem e se desconstroem na enfermagem e na saúde, **avançando-se para** o modo como os profissionais da enfermagem se transformam em sujeitos, se subjetivam e se constroem como seres éticos (Saúde, p. 3, grifos nossos).

As expressões utilizadas mostram a relação de diálogo entre estudos com foco na "análise de como as relações de poder se constroem e se desconstroem na enfermagem e na saúde", indo além dessa perspectiva, visto que o estudo "avança" para a noção de como os profissionais da enfermagem "se transformam em sujeitos, se subjetivam e se constroem como seres éticos, percebendo o SM e enfrentando, ou não, os problemas morais a ele relacionados".

As áreas que apresentam marcas de novidade na conclusão são Saúde, Sociais e Linguística.

O artigo da área da Saúde apresenta, em sua conclusão, dois grandes momentos de novidade. O primeiro deles aborda os resultados finais do estudo, afirmando-se que "compreender o SM permite *ir além do* enfrentamento dos problemas morais dos próprios trabalhadores, *chegando a* configurar, de maneira mais ampla e reflexiva, a

situação da própria instituição e do sistema de saúde" (Saúde, p. 8, grifos nossos). A novidade maior da pesquisa, então, é justamente "ir além" dos trabalhos que já são realizados e que postulam a necessidade do enfrentamento dos problemas morais. Para o pesquisador, ao entender o sofrimento moral, pode-se "chegar" à situação da própria instituição e do sistema de saúde. Isso é afirmado, pois a instituição e o sistema de saúde "podem estar dificultando os cuidados de enfermagem e a atenção integral na saúde, **provocando, consequentemente, a necessidade da elaboração de uma ética de sujeitos ativos e de amplas possibilidades, definidas principalmente pelas relações consigo mesmos**" (Saúde, p. 8, grifos nossos).

Há a influência da instituição e do sistema de saúde no sofrimento moral e, a partir disso, demarca-se um dos pontos de novidade do estudo: "a necessidade da elaboração de uma ética [...] consigo mesmos". A questão da ética é mencionada e principalmente na área da Saúde, ela é destacada, tendo em vista que trata do contato e da relação entre os sujeitos. O artigo tende a sugerir a importância das relações dos sujeitos consigo mesmos, dialogando em busca de respostas para o sofrimento moral que os assola. Talvez seja por esse motivo que o pesquisador opta por demarcar, principalmente na introdução, que se busca refletir avançando para o modo como os profissionais se transformam em sujeitos, fazendo referências aos textos de Foucault.

A partir dessas constatações, o pesquisador traz seu segundo momento de novidade para o texto, destacando a contribuição de seu estudo para a temática:

> Nessa perspectiva, parece ser uma alternativa eficaz aos profissionais de enfermagem **questionarem-se, estranharem os fatos diários, problematizando o cotidiano e as relações instituídas**, buscando [...] formas de desnaturalizar práticas previamente estabelecidas e comumente aceitas (Saúde, p. 8, grifos nossos).

O artigo parece lançar ao profissional de enfermagem a responsabilidade por identificar e por entender como ultrapassar o sofrimento moral ocasionado por situações cotidianas do ambiente de trabalho. Busca-se fazer que, além de se abordarem as instituições, questionando-se seus papéis, é preciso que os profissionais, concebidos como sujeitos, questionem-se, estranhem seus afazeres cotidianos como forma de atuarem nas situações e de não estarem assujeitados a elas.

INSERÇÃO NA COMUNIDADE CIENTÍFICA

A marca de inserção na comunidade científica é bastante evidente no decorrer dos artigos científicos das áreas estudadas. No entanto, apenas três áreas apresentam a preocupação em inserir o estudo em um aporte teórico definido, desde o resumo, a saber: Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes, Ciências Exatas.

Para que haja a produção científica e a circulação do conhecimento, o estudo tem a necessidade de estar inserido em um contexto maior de produção da ciência, ou seja, em uma comunidade acadêmica. As vozes e as marcações de autores, de correntes teóricas e de aporte teórico são expostas como formas de dar credibilidade ao texto apresentado, havendo o uso do discurso citado, da menção ao autor que pode marcar um consenso latente dentro da esfera.

Quadro 7 — Relação de inserção na comunidade científica: seções dos artigos e áreas

Seção do artigo	Áreas
Resumo	Humanas; Linguística; Exatas.
Introdução	Exatas; Sociais; Engenharia; Saúde; Humanas.
Fundamentação teórica	Humanas; Linguística; Sociais.
Metodologia	Saúde; Exatas.

Fonte: A autora.

As áreas de Ciências Exatas e Linguística demarcam claramente a ancoragem em uma filiação teórica:

A formulação e a aplicação da pesquisa, bem como a análise dos resultados e as conclusões foram **baseadas no enfoque histórico-cultural de Vigotski e estudos sobre a linguagem matemática e a utilização da Leitura Escrita nas aulas de Matemática**, de diversos pesquisadores (Ciências Exatas, p. 513, grifos nossos).

> O corpus, analisado **segundo perspectiva discursiva de linha francesa**, se compõe dos primeiros artigos publicados para divulgar resultados de pesquisas, realizadas no Brasil, sobre redações de vestibular (Linguística, Letras e Artes, p. 283, grifos nossos).

Existem marcadores de referência, como "baseado em", "segundo", que retomam o conhecimento da comunidade para mostrar inserção do sujeito dentro do contexto maior de pesquisa. Evidenciar a corrente ou o estudioso em que o estudo se ancora constitui uma estratégia a favor da credibilidade e do conceito de cientificidade (CORACINI, 1991).

No caso das Ciências Humanas, alternativas e críticas para as possíveis respostas ao título do artigo serão "apoiadas pelo autor", conforme já mencionado, evidenciando que ele se encontra dentro de uma comunidade maior que apresenta outras posturas, mas que possibilita a ele delimitar apenas umas das respostas possíveis: "*Especificamente*, abordam-se as respostas que partem de uma natureza humana determinante [...]".

As introduções dos artigos de Exatas, Sociais, Engenharia, Saúde e Humanas apresentam marcas de inserção dos trabalhos na comunidade científica, isto é, indicam que estão inseridos em uma esfera maior que delimita a realização do estudo, a escolha da temática etc. Ao analisar os artigos, a relação de inserção na comunidade científica denota alguns valores. No caso do artigo de Ciências Exatas, tem-se marca de inserção no:

> [...] embasamento teórico da formulação, da aplicação e do acompanhamento da pesquisa, bem como da análise dos resultados e das conclusões, foi feito à luz do enfoque histórico-cultural de Vigotski (1998, 2001), da mesma forma que de estudos realizados recentemente sobre a linguagem matemática e a utilização da Leitura e Escrita nas aulas de Matemática, por **diversos pesquisadores, como Corrêa (2005), Fonseca e Cardoso (2005), Malta (2004), Mesquita (2001), Pimm (1999), Santos (2005) e Smole e Diniz (2001)** (Exatas, p. 514-515, grifos nossos).

Ao contrário da relação dialógica de conhecimento científico consensual, que não aponta explicitamente os autores usados (por exemplo, fazendo uso de referências genéricas, pressupondo que o leitor conheça o assunto), no caso da inserção na comunidade científica, existem evidências explícitas de que há vínculo entre a individualidade do trabalho e o todo que envolve sua produção.

No caso das Exatas, a inserção está marcada no momento de enunciar o aporte metodológico do estudo: "enfoque histórico-cultural de Vigotski"; ao invés de expor genericamente que "diversos pesquisadores" fazem estudo da temática abordada no artigo, há a ampliação e a especificação disso ao usar a citação dos estudiosos que se voltam para a perspectiva seguida pelo pesquisador: *"Corrêa (2005), Fonseca e Cardoso (2005), Malta (2004) [...]". Em razão de o espaço na introdução ser bastante breve, no caso das Exatas, a inserção se dá apenas para indicar o embasamento teórico, havendo a explanação e a retomada dos autores mencionados no decorrer do artigo.*

Já na área de Engenharias, a relação dialógica de inserção está presente em alguns parágrafos da introdução, nos momentos em que se tem o histórico sobre a Barragem de Orós, foco do estudo:

> Desde o tempo do império brasileiro, a barragem de Orós foi uma fonte de reflexões. Somente no período republicano, nos primeiros anos da Inspeção Federal de Obras Contra a Seca, fundado em 1909, foi estudado e concluído o projeto da barragem, destruído por um incêndio em 1912[123] [...] (Engenharias, p. 406, tradução nossa).

Boch (2013) concebe o quadro histórico como uma forma de indexar o objeto do estudo às correntes ou a outros autores que abordam o assunto, como "Araújo, 1990", citado ao longo do artigo. A marca de historicidade é evidenciada essencialmente pelo uso de verbos no pretérito, como "foi", "foi estudado e concluído". A área de Humanas faz uso da relação de inserção justamente ao evidenciar o recorte de uma perspectiva em função de haver outras existentes:

> [...] só desenvolverei **uma das modalidades possíveis** de respostas à pergunta contida no título, isto é, as concepções que atribuem os comportamentos humanos ao impacto de uma natureza humana, bem como as críticas a elas. **Ficarão de fora quase inteiramente**, então, múltiplos elementos que apareceriam se fossem discutidas posturas de outros tipos, por exemplo, **o impacto das ideologias, representações coletivas e programações sociais do comportamento sobre as ações humanas** (Humanas, p. 19, grifos nossos).

O próprio autor é responsável por indicar que apenas uma modalidade de tratamento da temática será abordada **"uma das modalidades possíveis de respostas à pergunta"**. No entanto, não deixa de mencionar outros elementos que poderiam ser discutidos, como "o impacto das ideologias", fato que evidencia e situa o trabalho em um universo acadêmico que estuda a temática.

Ao tratar da inserção na comunidade científica na fundamentação teórica são destacadas três áreas: Humanas, Linguística e Sociais, já que seus artigos apresentam, especificamente, uma seção destinada à exposição de teorias.[124] As outras áreas também apresentam suas teorias, no entanto embutidas em outras seções, como na introdução.

123 "Since the time of the Brazilian empire, the dam Orós was a source of reflections. Only in the Republican period, in the early years of the Federal Inspectorate for Works Against Drought, established in 1909, it was studied and completed the draft of the dam, destroyed by fire in 1912 [...]" (Engenharias, p. 406).

124 As outras áreas de conhecimento citam a utilização de teóricos, seja na introdução, seja no desenvolvimento do estudo, fazendo uso de recursos de referências parecidos com os apresentados pelas áreas mencionadas. No entanto, este estudo, a fim de se referir à inserção na comunidade científica presente na seção de fundamentação, opta pelos artigos que destinam um espaço específico para abordá-la.

É possível afirmar que o momento de retomada teórica nos artigos analisados se configura como forma de inserção em uma comunidade maior de estudo, haja vista que a seção de fundamentação teórica tem a função de utilizar, de reconhecer e de dar crédito à criação intelectual de outro autor. Trata-se, então, de "uma questão básica de ética acadêmica e de consciência sobre o grau de ineditismo da nossa pesquisa, pois demonstramos saber que não estamos "reinventando a roda"" (MOTTA-ROTH; HEDGES, 2010, p. 90).

No caso da Linguística, a seção de fundamentação é bastante breve, tendo como foco maior situar o trabalho dentro de uma área específica, "segundo perspectiva discursiva de linha francesa" (p. 284). O autor destaca os dois estudiosos que nortearão o seu estudo, a saber, "Foucault e Maingueneau" (p. 284), demonstrando a concordância do pesquisador com as ideias expostas pelos teóricos: "[...] *em acordo com a perspectiva foucaultiana*, não se trata de procurar uma origem a partir da qual um processo contínuo levou à construção gradual de um novo objeto de estudos na área em questão [...]"; "*Segundo o autor* [Maingueneau], a interdiscursividade [...]" (Linguística, p. 285, grifos nossos).

O discurso relatado é marcado pelas referências nominais aos autores, que são antecedidas de expressões como "em acordo com; segundo o autor". O pesquisador, a fim de utilizar a palavra do outro, realiza todo um trabalho de reformulação interior, de síntese das informações, transformando o dizer do outro, colocando-o a serviço do próprio objetivo, da nova situação de interação (CORACINI, 1991). Isso é evidente, principalmente, na paráfrase da teoria da "interdiscursividade" apresentada pelo pesquisador, com base em Maingueneau, porque se escolhe um dos assuntos estudados pelo autor e que serve de fundamento para o estudo da constituição discursiva sobre as redações escolares. No caso analisado, ao situar a pesquisa na fundamentação teórica, sinaliza-se qual parcela da grande área é mais diretamente relevante para o estudo. Dentro da linha de estudo da análise do discurso de linha francesa, foca-se na interdiscursividade, na constituição do discurso no decorrer do tempo. A relação de inserção presente na metodologia das áreas de Saúde e Exatas ressalta o diálogo estabelecido entre pesquisador e estudiosos, pensando-se nas formas de organizar o desenvolvimento da pesquisa.

A área da Saúde, ao indicar como as questões do questionário seriam analisadas, validou-as em constructos extraídos de outros estudiosos, conforme se verifica pelas referências numéricas que são colocadas logo após suas indicações:

> As vinte e três questões do instrumento foram validadas em cinco constructos, denominados nesta pesquisa como: **falta de competência na equipe de trabalho**, definido como ausência de habilidade ou competência técnica [...] **(11)**; **negação do papel da enfermagem como advogada do paciente**, definido como o potencial não utilizado pela enfermagem para reivindicar os direitos dos pacientes **(17)** [...] (Saúde, p. 4, grifos do autor e nossos).

Os numerais em negrito se referem aos autores utilizados e que serviram de fundamento para o estudo. Esse procedimento revela o consenso do autor com os teóricos estudados, isto é, toma-se a palavra do outro, torna-a sua, tendo em vista o estudo a ser realizado. A marca de diálogo entre os autores se dá pela numeração, não há indicação do nome dos teóricos no texto, verbos que indicam citação etc.

Outro elemento que caracteriza a inserção do trabalho em um contexto maior de produção científica é o fato de mencionar o papel do "Comitê de Ética em Pesquisa". Ao

fechar a metodologia, o pesquisador informa ao leitor: "O projeto foi antecipadamente **julgado** e **aprovado** pelo **Comitê de Ética em Pesquisa**, com Parecer n.º 70/2010" (Saúde, p. 4, grifos nossos). Esse dado responde diretamente àquilo que as normas de avaliação dos pareceristas de alguns periódicos postulam (FUZA, 2015): o trabalho "respeita legislação para pesquisa envolvendo seres humanos", indicando que ele pode estar inserido no contexto acadêmico, já que pesquisas envolvendo seres humanos devem passar pela aprovação do Comitê, gerando-se um parecer, conforme consta: "Parecer n.º 70/2010".

RELAÇÃO DE QUESTIONAMENTO DA TEORIA EXISTENTE

Essa relação se volta para o questionamento presente no resumo quanto às teorias existentes e que o estudo busca analisar, funcionando como uma forma de testar o que já é corrente na área e o que pode ser ampliado por meio do estudo. Duas áreas utilizam tal relação, a saber: Ciências Sociais e Engenharias.

O resumo de Ciências Sociais comenta as salvaguardas jurídico-políticas disponíveis e avalia o aparato existente, construído historicamente pelos assistentes sociais, verificando se o aparato "é suficiente para melhor qualificar seu fazer profissional e contrapor-se aos níveis de desemprego e precariedade do trabalho". A forma de construção da sentença demarca uma noção de questionamento daquilo que já se tem, buscando evidenciar se o aparato é suficiente para que se possam qualificar os profissionais.

Com essa mesma perspectiva, tem-se a ideia presente no resumo das Engenharias, que objetiva apresentar a aplicação prática de conceitos e alguns métodos de análise de risco, para verificar a possibilidade de superação da lâmina d"água de projeto no vertedouro da barragem Orós, pelo excesso de vazão afluente. Para que isso aconteça, o artigo buscou avaliar "as fórmulas empíricas do projeto original", ou seja, partiu-se de algo já existente, questionando-se a teoria apresentada, a fim de que novas possibilidades de estudos fossem geradas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise possibilitou delimitar sete tipos de relações dialógicas nos artigos científicos das áreas do conhecimento. As relações encontradas e as áreas dos artigos nas quais ocorrem são destacadas na sequência:

Quadro 8 – Relações dialógicas estabelecidas no interior dos artigos científicos das áreas

RELAÇÕES DIALÓGICAS	ÁREAS
DIÁLOGO COM CONHECIMENTO CIENTÍFICO CONSENSUAL	Sociais; Exatas; Engenharias; Humanas; Linguística; Saúde.
RELAÇÃO DE PERGUNTA E DE RESPOSTA	Humanas
CONCORDÂNCIA COM ENUNCIADOS ALHEIOS	Linguística; Humanas; Saúde; Sociais; Exatas.
DISCORDÂNCIA DOS DISCURSOS ALHEIOS	Humanas; Saúde.

CONTINUA...

MARCA DE NOVIDADE	Sociais; Saúde; Humanas; Engenharias; Exatas; Linguística.
INSERÇÃO NA COMUNIDADE CIENTÍFICA	Humanas; Linguística; Exatas; Sociais; Engenharias; Saúde.
RELAÇÃO DE QUESTIONAMENTO DA TEORIA	Sociais; Engenharias.

Fonte: Fuza, 2015, p. 323.

Diante do exposto, verifica-se que as relações dialógicas mais recorrentes nos artigos das áreas e que estão presentes em todos eles são a inserção na comunidade científica, o diálogo com conhecimento científico consensual e a marca de novidade. Embora sejam áreas específicas de conhecimento, as relações dialógicas mostram-se semelhantes, tendo em vista o objetivo maior do gênero artigo científico: reportar um estudo, fazer o conhecimento circular, causando impacto na área de conhecimento.

O leitor do artigo precisa estar convencido de que o estudo realizado tem relevância para a área de saber em que a pesquisa se inscreve, logo há a busca incessante para inserir o trabalho no contexto de produção da comunidade científica, por meio da menção aos teóricos, às pesquisas já elaboradas, mesmo que seja de forma genérica, como ocorre no diálogo com conhecimento consensual. Além da necessidade de se enquadrar dentro de uma esfera maior acadêmica, respondendo às suas necessidades, o texto deve apresentar algo inédito, que seja relevante para o periódico e, consequente, que atraia a atenção dos possíveis leitores da área.

Ao tratar da inserção do texto na comunidade científica, é possível afirmar que vários recursos, tanto linguísticos quanto discursivos, podem ser utilizados para delimitar essa relação: uso de referências nominais, elemento mais utilizado como forma de evidenciar os teóricos e as pesquisas que vêm sendo produzidas na área, fazendo que o texto se insira na comunidade de produção da ciência; uso de notas de rodapé para especificar alguma informação extra sobre o estudo ou para evidenciar a referência na íntegra; uso de referências numéricas que levam à mistura dos discursos do pesquisador e do teórico consultado sem se definir quem é o dono da palavra. De acordo com Coracini (1991), o uso e a profusão de notas, de referências e de citações constituem uma estratégia a favor da credibilidade e do conceito de cientificidade. A intenção no uso dos discursos relatados parece ser "mostrar a importância e a pertinência da própria experiência, situá-la no conjunto de pesquisas da mesma área, enfim, conseguir adesão do outro (leitor-cientista) à própria tese" (CORACINI, 1991, p. 170).

O uso das referências bibliográficas, ao final dos artigos, pode indicar inserção do estudo na comunidade científica, tendo em vista que se espera que a teoria mencionada seja adequada à temática abordada. De acordo com Coracini (op. cit.), caso algumas referências tidas como fundamentais no âmbito da especificidade não se encontrem no texto, o leitor poderá concluir que o pesquisador não está informado e que "suas palavras são pouco dignas de crédito" (p. 170). Da mesma forma, um número limitado de citações pode levar a concluir que o pesquisador não conhece as fontes de informação que a comunidade científica considera como relevantes, "dados estes que seriam indispensáveis para a valorização do seu texto e, consequentemente, força persuasiva" (p. 170). A questão da referência aos estudos da área atua como elemento que insere o texto em um contexto maior da ciência, atribuindo a ele credibilidade àquilo que é lido.

As relações de discordância dos discursos alheios e de relação de pergunta e resposta são as menos utilizadas. No caso da discordância, a justificativa para o pouco uso pode advir do fato de que se deve estabelecer boa relação entre os agentes da esfera acadêmica, mantendo o diálogo amigável entre os autores. Busca-se somente realizar contestações sutis de algumas ideias, conforme observado nas análises. O fato de não haver tanta discordância nos textos justifica também a baixa recorrência da relação de questionamento da teoria, realizada somente pelas áreas de Sociais e de Engenharias, haja vista que a busca está em evidenciar o que se tem na acadêmica e trazer algo inédito para complementar os estudos existentes.

A área de Humanas, por exemplo, faz uso da discordância, pela própria característica do estudo que traz diálogos entre teorias que abordam a natureza humana, a partir de duas perspectivas: natural e social. Em razão disso, ao mesmo tempo em que discorda, o pesquisador concorda, fazendo uso da relação de concordância com enunciados alheios.

A busca, então, para que o estudo esteja de acordo com aquilo que postula a esfera científica leva à segunda relação dialógica mais recorrente: a de concordância com os discursos. Ao mesmo tempo em que o pesquisador se insere em um universo de pesquisa e discute teorias, ele as confirma, colocando-as em diálogo com seu pensar e com outros sujeitos que tratam da mesma temática.

A relação de pergunta e de resposta ocorre apenas na área de Humanas, haja vista que o próprio texto é construído da relação dúbia de perguntar e responder, visando à alteridade dos discursos que se faz tão marcada no decorrer de todo o texto. Conforme Souza e Albuquerque (2012), a compreensão dos temas que se quer investigar em pesquisas de Ciências Humanas ocorre pelos confrontos de ideias e negociação de sentidos possíveis entre o pesquisador, as teorias etc. A alternância de perguntas e respostas fazem da pesquisa um processo vivo de produção de sentidos sobre os modos de perceber a natureza humana, pois o pesquisador não apenas pergunta para obter respostas para os objetivos traçados no início do texto, mas, ao perguntar e também responder, "posiciona-se como um sujeito que do lugar de pesquisador traz perspectivas e valores diversos" (SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012,308), tanto que, em vários momentos do texto, coloca-se como "eu" do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto objetivou analisar as relações dialógicas estabelecidas no interior dos discursos acadêmico-científicos presentes em artigos de periódicos nacionais A1 das diferentes áreas do conhecimento — Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências da Saúde, Ciências Sociais, Engenharias, Linguística, Letras e Artes. Dessa forma, dois objetivos foram delineados: a) destacar os tipos de relações dialógicas presentes nos discursos das diferentes áreas; b) evidenciar a dialogicidade do discurso científico, marcado pela heterogeneidade discursiva.

Quanto ao primeiro, as análises dos artigos possibilitaram a constatação de sete tipos de relações dialógicas no interior dos discursos em todas as áreas. Com isso,

repensa-se a noção bakhtiniana, retomada por Amorim (2004), de que as Ciências Humanas aparentam mais dialogicidade, enquanto as Ciências Naturais são consideradas como formas monológicas de conhecimento, visto que abordam objetos do mundo (terra, ar, pedras etc.).

A análise, de certo modo, reforça a noção de que todo discurso é dialógico por natureza, envolvendo um concerto de vozes, que podem ser dissonantes. Ao abordar o monologismo, o que ocorre, na realidade, é a intenção de que o discurso se torne monológico, quando, na realidade, isso é uma ilusão. Para Sobral (2009), há discursos que na superfície se organizam em termos monológicos, mas que, na verdade, são dialógicos, como ocorre com o discurso acadêmico, já que cultua certas afirmações, dando a impressão de abafar a voz do outro, mas que, em seu âmbito, reconhece a presença de outros discursos no próprio ato de afirmar: "recordemos que negar é reconhecer uma dada afirmação!" (SOBRAL, 2009, p. 39).

Ao considerar as relações dialógicas, é possível ainda vincular algumas delas a motivações maiores, em função dos critérios dos pareceres dos avaliadores dos periódicos, constatação que poderá ser apresentada em outra oportunidade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro:** Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa , 2004.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução: Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

____. **Estética da criação verbal.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

____; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BOCH, F. Former les doctorants à l"écriture de la thèse em exploitant les études descriptives de l"écrit scientifique. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão (SC), v. 13, pp. 543-568, set.-dez. 2013.

CORACINI, M. J. **Um fazer persuasivo:** o discurso subjetivo da ciência. São Paulo: Educ; Campinas : Pontes, 1991.

CORTES, G. R. O. Dialogismo e Alteridade no Discurso Científico. **Eutomia,** Ano 2, n. 2, pp. 1-11., dez. 2009. Disponível em: <www.revistaeutomia.com.br/.../Dialogismo_e_Alteridade_no_Discurso>. Acesso em: 10 jun. 2014.

FURLANETTO, M. M. Hiperenunciador: o outro do supradestinatário? **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarãov. 12, n. 1, pp. 325-345, jan.-abr. 2012. Disponível em: < http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/1201/00.htm>. Acesso em: 20 jul. 2012.

FUZA, A. F. **A constituição dos discursos escritos em práticas de letramento acadêmico-científicas.** 2015. 368 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

GARCEZ, L. H. C. **A escrita e o outro:** os modos de participação na construção do texto. Brasília: UNB, 1998.

MENEGASSI, R. J. Aspectos da responsividade na interação verbal, **Línguas & Letras,** Cascavel, v. 10, n. 18. 2009. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/2257/1750>. Acesso em: 15 jan. 2013.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H**. Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

OHUSCHI, M. C. G. **Ressignificação de saberes na formação continuada:** a responsividade docente no estudo das marcas linguístico-enunciativas dos gêneros notícia e reportagem. 2013. 296 f. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005, pp. 152-183.

SANCHES, K. P. **Relações dialógicas em artigos científicos:** análise de um periódico de saúde e segurança do trabalho. 2009. 301f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009a.

____. Interdiscursividade em artigos científicos.In: GARCIA, B. R. V.; SILVA, C. L. C. R; PIRIS, E. L. (Orgs.). **Análises do Discurso:** o diálogo entre as várias tendências na USP. São Paulo, Paulistana , 2009b.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero:** as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOUZA, S. J.; ALBUQUERQUE, E. D. P. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana,** São Paulo, v. 7, n. 2, pp. 109-122, jul.-dez. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/8124-30694-1-PB%20(1).pdf>._Acesso em: 10 maio 2014.